

03

ABR '24

LEITURA ENCENADA


local

Estúdio

NOITE FORA: LEITURA E CONVERSAS SOBRE TEATRO

UM PROJETO DO **TEATRO VIRIATO**
E **SÓNIA BARBOSA**

ARTISTA CONVIDADA **MARIA GIL**



120 min. aprox.

m/ 12 anos

Um projeto **Teatro Viriato e Sónia Barbosa**

Produção **Ritual de Domingo e Teatro Viriato**

Artista convidada **Maria Gil**

A partir do texto **“A guerra não tem rosto de mulher”** de **Svetlana Alexievich**

Interpretação **Filipa Fróis, Mariana Veloso, Rita Camões e Sónia Barbosa**

NOITE FORA: LEITURA E CONVERSAS SOBRE TEATRO

Partilhar momentos de leitura de textos teatrais entre artistas e público tem sido um dos objetivos de "Noite Fora". Um projeto do Teatro Viriato e da encenadora Sónia Barbosa que tem dado a conhecer autores, dramaturgias e qual a relação dos artistas com elas.

Na 19.ª sessão, a convidada será Maria Gil. A artista é conhecida por criar espetáculos que estabelecem uma relação direta e próxima com os espectadores. As suas dramaturgias têm, como ponto de partida, premissas autobiográficas e histórias de pessoas e de lugares, que recolhem, cruzam e ficcionam, para construir uma poética do quotidiano. Os seus trabalhos evocam a periferia e a margem, mas também pessoas e lugares em desaparecimento.

“A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER”, DE SVETLANA ALEXIEVICH

Tal como a autora deste livro, também eu nunca gostei de livros de guerra, nem de filmes de guerra, nem de histórias sobre a guerra, nem de nada que tivesse a ver com guerra. No máximo, tinha jogado uns jogos de estratégia, no máximo tinha visto o “Platoon” com um amigo que adorava História e, sobretudo, história de guerras.

No ecrã da televisão (sem som), Evgueni Mouravitch, correspondente da RTP em Moscovo há mais de três décadas, avança que, como esperado, Putin foi reeleito presidente da Rússia com quase 90% de votos a favor.

Ainda não gosto de livros sobre a guerra.

Penso num tio-avô que tinha combatido na Guerra Colonial, regressou alcoólico e morreu cá. Penso que a minha tia Wanda lutou pela libertação de Moçambique de G3 na mão, segundo a minha família. Penso que ninguém fala sobre isso, não se fala muito sobre isso, não se fala o suficiente sobre isso. Depois lembro-me de querer atravessar a Turquia saindo pelos territórios do Curdistão e de isso me ter sido proibido porque estávamos ainda no rescaldo da Guerra do Golfo e as fronteiras estavam “instáveis”. Por causa desta recordação penso na minha amiga, Dilek, que é curda e como a família pediu asilo político à Alemanha, onde ela viria a nascer. Logo a seguir, penso no meu amigo Amir, cujo tio-avô foi enforcado numa praça pública em Teerão, no Irão, e em como ele me disse, uma vez que não ia votar, e como a família não gostava que ele não fosse votar pois isso era quase um ato de desobediência, sendo que todos ficariam a saber que ele não tinha votado e se não tinha votado era por alguma razão... Ele disse-me que se uma pessoa votasse, todos saberiam em quem essa pessoa tinha votado.

E, lembro-me do meu amigo Rui Paulo, esse amigo que adorava o “Platoon” e a história das guerras, lembro-me que ele participou, enquanto parte do grupo de militares portugueses, na missão da NATO-KFOR no Kosovo.

«Vou explicar-te: recordar é terrível, mas não recordar é mais terrível ainda.» (p.159)

Eu li a Svetlana Alexievich pela primeira vez porque estava a ajudar o José Filipe Costa na pesquisa para o seu belo filme, “Prazer, Camaradas!”, e ele recomendou-me, “O Fim do Homem Soviético”, - para perceber como as diferentes vozes, recolhidas através de entrevistas criavam um caleidoscópico que cruzava registo documental com registo ficcional, que era também o registo que o Zé procurava no seu filme. Quando a li pensei, «era assim que eu gostava de escrever».

Virginia Woolf diz que devemos ler como escrevemos, e eu digo, deveríamos escrever como gostamos de ler.

Eu gostei do registo oral, talvez por causa do teatro, e também gostei da intensidade dos testemunhos, que eram selecionados e editados criando momentos cómicos e outros profundamente absurdos, devastadores e dolorosos. O absurdo e a guerra.

A dor deve ser exorcizada e partilhada porque não é justo uma pessoa sozinha carregar tanta dor.

Deveríamos chorar mais em grupo.

*

Este livro jornalístico faz parte de um projeto da autora intitulado, “Vozes da Utopia”, que reúne cinco livros: “Vozes de Chernobyl”, “A Guerra Não Tem Rosto de Mulher”, “O Fim do Homem Soviético”, “As Últimas Testemunhas” e “Rapazes de Zinco”.

Em, “A Guerra Não Tem Rosto de Mulher”, Svetlana Alexievich ouve as mulheres que participaram na guerra, as mulheres que combateram pela Rússia durante a 2ª Guerra Mundial, tanto as combatentes, como as cozinheiras, médicas, as enfermeiras, todas! Estamos nos anos oitenta do século passado e ela ouve mais de duzentas mulheres, com algumas passando mais de um dia. Tenta perceber como, quando se trata de narrar a guerra, o discurso das mulheres difere do discurso masculino.

Este é um retrato que estava por fazer e também na guerra foi preciso inventar uma nova linguagem - uma nova forma de organizar pensamento, discurso e sentidos.

A leitura de hoje pretende evocar essa outra linguagem através de uma seleção de excertos que integram o livro, “A Guerra Não Tem Rosto de Mulher”.

«Mas porquê?, perguntei-me mais de uma vez. Porque não defenderam a sua história as mulheres que disputaram e ocuparam o seu lugar num mundo outrora completamente masculino? As suas palavras e os seus sentimentos? Não acreditaram em si mesmas? Há um mundo inteiro oculto de nós. Quero escrever a história desta guerra. A história feminina.» (p. 16)

Há um mundo inteiro para desocultar em cada uma de nós.

Boas leituras.

MARIA GIL

NOITE FORA #19

Esta edição do “Noite Fora” é toda feminina.

Que a direcção artística seria de uma mulher, já estava decidido – temos mantido um sistema mais ou menos informal de paridade entre homens e mulheres a dirigir as sessões do “Noite Fora”. Este não é um critério rigoroso, matemático, inflexível; é mais um critério de sensibilidade e escuta do mundo, que se tem tornado cada vez mais consciente. De qualquer forma, estava decidido que nesta décima nona edição teríamos uma mulher a dirigir.

O que aconteceu depois foi a ordem natural dos acontecimentos: a Maria Gil propôs o texto de Svetlana Alexievich (a segunda mulher da sessão) “A Guerra Não Tem Rosto de Mulher”, que embora não sendo um texto teatral, tem todas as características dos materiais a partir dos quais a Maria Gil usualmente constrói as suas peças. E, mais uma vez, seguindo a ordem natural das coisas, o formato base do “Noite Fora” adapta-se: é a primeira vez que trabalhamos sobre um texto não teatral nas nossas sessões. Mas também é verdade que sempre procurámos dar espaço, mais do que isso, incentivar os artistas que por aqui passaram a exprimirem-se com liberdade e paixão; sempre quisemos que as escolhas dos textos lidos, fossem o mais coincidentes possível com a voz interior e o desejo íntimo dessas pessoas. Porque, para além de conhecer textos teatrais, partilhá-los, lê-los e discuti-los, queríamos também proporcionar encontros verdadeiros, que deixassem marca, não só nos artistas locais envolvidos, mas também nos espectadores/participantes das nossas sessões. E para haver encontros assim as pessoas têm de se sentir livres e até mesmo desejosas de expressarem realmente o que lhes vai dentro. Por isso, recebemos com alegria e expectativa esta proposta que para a Maria Gil fazia todo o sentido – «aliás, é exactamente o

modelo que eu uso na minha escrita para teatro: partir de testemunhos pessoais, que depois eu vou trabalhando e transformando», disse-me ela, mais ou menos por estas palavras. O que me deixou tranquila por saber que, quando ela estivesse a dirigir a nossa leitura com as intérpretes convidadas, se iria sentir em casa e à vontade nesse tipo de processo.

A seguir veio a escolha das intérpretes. Obviamente, tendo em conta o texto, fazia sentido serem vozes femininas. Fazia ainda mais sentido para mim que, também nesse campo, luto com a tendência para as distribuições contemplarem mais vozes masculinas do que femininas, e por isso os actores terem, em geral, mais oportunidades de trabalho do que as atrizes. E, assim, entraram mais três mulheres a bordo, a Filipa Fróis, a Mariana Veloso e a Rita Camões, juntamente comigo, que também dou a minha voz à leitura (com enorme prazer, aliás).

Não quero com tudo isto tornar-me mono temática e dar a sensação de que a única coisa (ou a coisa mais importante) é esta questão da paridade entre géneros. Não, não é o caso para mim. Há tantas outras coisas que me fascinam, sobre as quais quero pensar e falar, nas quais me interessa envolver e às quais quero dedicar a minha energia e atenção. Algumas presentes neste texto, como: a guerra – as suas experiências, as suas razões, as suas consequências; ou a memória e a passagem do tempo sobre os acontecimentos e o que essa passagem provoca; ou o escutar a voz dos outros para compreender o mundo e compreendermo-nos a nós mesmos; ou a escrita abordada de diferentes maneiras. E tantas outras...

Se escolhi esta perspectiva para este texto, foi porque o próprio material que a Maria Gil nos convida a conhecer e a nele mergulhar, parte desse pressuposto: Svetlana Alexievich queria ouvir a guerra no feminino; não conseguia compreender (ou aceitar) porque todos os relatos sobre a guerra que ela conhecia fossem contados por homens. “A guerra ‘feminina’ tem as suas cores, os seus cheiros, a sua iluminação e o seu espaço de sentimentos. Tem as suas palavras. (...) Quero escrever a história desta guerra. A história feminina.” Diz ela no início do livro.

Por isso, me pareceu bem que nesta décima nona edição – tão perto de completarmos as vinte! – a ordem natural das coisas se tivesse moldado, sem demasiadas pressões ou manipulações, para dar forma a uma Noite toda feminina, nas palavras, nas vozes, nos corpos e nos pensamentos. Mas é óbvio que o contraponto masculino (ou de qualquer outro género!), que ouve e devolve o olhar e o pensamento, nos é absolutamente necessário.

Esperamos-vos a todos e todas para partilhar connosco mais uma “Noite Fora”.

SÓNIA BARBOSA

(a autora escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

MARIA GIL (LISBOA, 1978)

Licenciada em Formação de Atores/Encenadores pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa (2003) e mestre em Performances Autobiográficas e Intimidade (MPhil) pelo Departamento de Estudos de Teatro, Cinema e Televisão da Universidade de Glasgow (2009). Frequentou a pós-graduação em Teatro Clássico e sua Recepção, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2007). Na sua educação não formal, destaca a realização do curso de Encenação para Teatro, com Alexander Kelly, criado pelo Programa de Criatividade e Criação Artística, da Fundação Calouste Gulbenkian (2007); e a realização de um workshop em Performance, com a companhia de teatro norte americana, Goat Island (2008).

Fundadora e diretora artística do Teatro do Silêncio onde cria, coordena e produz vários projetos artísticos, desde espetáculos, performances, caminhadas performativas, visitas guiadas e publicações. No Teatro do Silêncio, destaca, a cocriação, com o artista Miguel Bonneville, da trilogia de palestras performances, “O pessoal é político: Medo e Feminismos” (2013); “Amor e Política” (2015) e “Religião e Moral” (2019); publicada pela Douda Correria, tendo recebido, em conjunto com Miguel Bonneville, o prémio da Rede Ex Aequo por “Medo e Feminismos” (2015). Em 2018, encontrou por acaso, num leilão online, o livro da jornalista e escritora, Maria Lamas, “As Mulheres do Meu País”, iniciando uma pesquisa etnográfica e artística sobre o papel das mulheres nas diferentes comunidades ligadas ao mar e às pescas. A partir de conversas cria identidades ficcionais, que apresenta em formato espetáculo: “Mulheres em Terra, Homens no Mar” (2018) e “Avieiras, viagem de Lamas” (2022). Em 2023, recebeu uma Bolsa de Criação Artística na área da Escrita pelo Governo do Funchal pelo seu projeto, “Mulheres do Mar”.

Foi professora de Teatro no ensino básico e secundário (2002-2012) e, desde 2012, trabalha com várias instituições públicas e privadas, concebendo, desenvolvendo, e realizando atividades e estratégias educativas que articulam a imaginação e o pensamento: integrou o projeto “10×10 (2012-2017)” e o projeto “Operação Stop” (2012-2013), iniciativas do Programa Descobrir, da Fundação Calouste Gulbenkian. Dirigiu oficinas de arte e filosofia, produzidas pelo Teatro do Silêncio e a Fábrica das Artes do CCB (2013), de onde resultou o livro, “Se não havia nada, como é que surgiu alguma coisa?”. Foi diretora artística do projeto “Raízes da Curiosidade” (2014), coproduzido pela Fábrica das Artes/CCB e a Fundação Champalimaud, de onde resultou o livro “Raízes da Curiosidade – Tempo de Ciência e Arte”. Integrou o Ciclo Festa de Desaniversário, da Fábrica das Artes/CCB, propondo uma releitura dos clássicos da literatura, “Alice no País das Maravilhas” e “Alice do Outro Lado do Espelho”, de Lewis Carroll (2021). Foi coautora, juntamente com os realizadores Filipa Reis e João Miller Guerra, da série de televisão, “Outra Escola”, produzida pela Vende-se Filmes para a RTP2 (2019). Integrou, como artista formadora, o projeto “LADO P”, uma coprodução Teatro do Silêncio e Vende-se Filmes, trabalhando com pessoas em privação de liberdade, cujo resultado foi a série documental, “Fechado”. É professora no Curso de Teatro da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Vive em Sintra e pratica Chi Kung.

SÓNIA BARBOSA

Encenadora, atriz e docente, licenciada em Estudos Teatrais/ Interpretação, na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto, em 1999. Em 2020, conclui, com distinção, o doutoramento em Estudos de Teatro na Faculdade

de Letras da Universidade de Lisboa, com o “Projecto Karamázov – pesquisa e criação teatral”, a partir de “Os Irmãos Karamázov”, de F. Dostoiévski. Em 2016, funda a Associação Artística Ritual de Domingo, que dirige em parceria com Cristóvão Cunha. É artista associada do Teatro Viriato entre 2011 e 2022. Desde 2018, coordena em colaboração com o Teatro Viriato o projeto “Noite Fora: Leitura e Conversas sobre Teatro”, por onde passaram artistas como Sara Barros Leitão, Guilherme Gomes, Patrícia Portela, Alex Cassal, Teresa Coutinho, Tónan Quito, Cláudia Lucas Chéu, entre outros. Membro do coletivo Cava (teatro, artes plásticas, vídeo, fotografia e música), que presentemente ocupa a Incubadora do Centro Histórico de Viseu, com o apoio do Município de Viseu, desenvolvendo atividades de criação e programação cultural artística. Como atriz trabalha em Portugal e em Itália (onde viveu entre 2002 e 2009) sob a direção de Pierre Voltz, Nuno Cardoso, Andrej Sadowsky, Saguenail, Graeme Pulley, Rafaela Santos, Joana Craveiro, Marta Pazos, Fortunato Cerlino, Francesco Saponaro, Luciano Melchionna, Emanuela Guaiana, Cristina Pezzoli, Madalena Victorino, Giacomo Scalisi, Rogério de Carvalho, Nuno Nunes, Gonçalo Amorim, Alex Cassal, Tónan Quito, Teresa Coutinho, entre outros. É responsável pelas encenações de “Crime e Salvação”, a partir de Marguerite Yourcenar, (Naco – 2009), “Pinóquio”, a partir de Carlo Collodi, (Companhia Paulo Ribeiro/Teatro Viriato – 2010), “Eira”, a partir de Ana de Castro Osório e Vergílio Ferreira (Naco – 2011), “ÁrvoreSer”, a partir de Ítalo Calvino (Teatro Viriato – 2012), “Babel”, de Letizia Russo (Propositário Azul – 2013), “Dentro”, a partir de Anton Tchekhov (Jardins Efémeros – 2014), “Ivan ou a Dúvida” (2017), “Dmitri ou o Pecado” (2019), “Alekséi ou a Fé” (2021), a partir de F. Dostoiévski (Ritual de Domingo/ Teatro Viriato), “O Meu Amor Virá de Comboio”, de Sónia Barbosa (Ritual de Domingo – 2019), “A Serração da Velha”, projecto artístico com a comunidade (NACO /2019, 2021, 2022 e

2023), “A vida das Árvores”, de Sónia Barbosa (Ritual de Domingo/2020), “A Gaivota”, a partir de Tchekhov (Ritual de Domingo/Eixo Cultura, 2022), “Take my Breath Away”, de Keli Freitas (Ritual de Domingo/Teatro Viriato 2023), “Cenas Conjugais”, a partir de I. Bergman (Ritual de Domingo/Eixo Cultura, 2023), entre outros. Docente na área de Teatro e Artes Performativas na ESE - IPViseu e na Escola Lugar Presente em Viseu. Concede e orienta oficinas e aulas de teatro em vários contextos desde 2000 (Câmara M. Sta. M^a da Feira, Associazione Historia-Roma, Universidade de Génova, Lugar Presente, Teatro Viriato, APPDA-Viseu, Associação Naco, Fundação Lapa do Lobo, etc.). Os seus textos “Ivan ou a Dúvida” e “Trilogia Karamázov” foram publicados pelas edições Húmus, respetivamente, na Cartografia da Dramaturgia Portuguesa (2021) e na Coleção 12catorze (2022).

RITUAL DE DOMINGO

É uma estrutura profissional criada no final de 2016, com o objetivo de estabelecer um lugar de criação pluridisciplinar em Viseu. Tem um foco importante também na formação e educação artística. Na direção da Associação encontram-se Sónia Barbosa (encenadora, atriz e docente) e Cristóvão Cunha (*light designer*, produtor e técnico de espetáculo). Entre os seus fundadores estão diversos artistas da cidade de Viseu como Nuno Rodrigues, Rosário Pinheiro, Luís Belo, Carla Augusto, Ana Seia de Matos e Rui Macário.

A Associação tem-se dedicado à organização e produção de todas as atividades do “Projecto Karamázov”, de Sónia Barbosa, desde 2016 até ao presente: criação e digressão dos espetáculos “Ivan ou a Dúvida”, “Dmitri ou o Pecado” e “Alesei ou a Fé” (coprodução Teatro Viriato, apoio da DGArtes, Fundação GDA, Município

de Viseu, entre outros), e várias atividades pedagógicas. Em 2018, juntou-se à Gira Sol Azul no âmbito da criação do espetáculo “Ora Vem Comigo”, para o Festival Internacional Europeade. Em 2019, a Associação organiza a reposição de “Ivan ou a Dúvida” (Teatro Meridional, Lisboa, novembro de 2019). Foram desenvolvidas duas atividades com o apoio do Programa Municipal Viseu Cultura 2019: “Beira Ilustre”, na área do Património, englobando ilustração e pesquisa histórica; e “O Meu Amor Virá de Comboio”, na área do Teatro com uma componente de pesquisa e modelismo ferroviário, que, em 2020, integrou a rede de circulação de espetáculos Artemrede, com 24 representações em várias cidades e localidades. Em 2020, produz o espetáculo “A Vida das Árvores” em *site specific* na Cava de Viriato, enquadrado na programação do Cubo Mágico, com uma versão indoor apresentada em fevereiro de 2022, no espaço da Incubadora. Em 2021, estreou “Aleksei ou a Fé”, em outubro, no Teatro Viriato (apresentado na FLL, Nelas e Teatrão, Coimbra), apoiado pela DGArtes. Nesse âmbito é produzido e realizado o filme “Faith”, de São Castro e António M Cabrita, a partir dos ensaios de “Aleksei ou a Fé”. A Associação produz também, em 2021, o projeto “A fragilidade de estarmos juntos”, cocriação de Miguel Castro Caldas, António Alvarenga e Sónia Barbosa, coprodução Teatro Viriato, apresentado em Guimarães nos Festivais Gil Vicente e no Funchal. Ainda no final de 2021, apresenta três novas versões de “O Meu Amor Virá de Comboio”, para Estarreja, Entroncamento e Carregal do Sal, com apoio do Garantir Cultura, que incluíram entrevistas à comunidade e realização de workshops. Em 2022, foram realizadas duas apresentações do projeto no Porto (Cultura em Expansão) e Caxarias (Caminhos Médio Tejo). Em 2022, estreou também o projeto a “Vida Das Árvores” (versão indoor) com o apoio Cultura+ do Município de Viseu, com direção e interpretação de Sónia Barbosa em cocriação com Ana Bento e Bruno

Pinto da Gira Sol Azul. Obteve apoio da DGArtes para criação de “Take My Breath Away”, coproduzido pelo Teatro Viriato, apoio Cão Danado e Biblioteca de Marvila. Obteve apoio da Fundação Gulbenkian e o Festival Temps d’Image para a criação do espetáculo “Este peixe é um robalo”, de António Alvarenga e Cristóvão Cunha. Ainda em 2022, estreou o espetáculo “A Gaivota” adaptação do clássico de Anton Tchekhov para *site specific*, ao ar livre, com o apoio do Eixo Cultura/ Município de Viseu, Fundação GDA e Fundação Lapa do Lobo. Em 2023, estreia “Take My Breath Away”, texto de Kely Freitas, encenação de Sónia Barbosa, no Teatro Viriato, e “Cenas Conjugais”, a partir de Ingmar Bergman, encenação de Sónia Barbosa, no Círculo de Criação Contemporânea de Viseu – Polo1.

VIVACE Dão - Quinta do Perdigão • **ANDANTE** Seridois • **ADÁGIO** Alexandre Aibéo • Ana Cristina Almeida • Ana Maria Albuquerque • Ana Lúcia Peres • Benigno Rodrigues • Centro de Saúde Familiar de Viseu, Lda • Cristina Machado • Eduardo Melo e Ana Cristina Andrade • Fátima Ferreira • Fernando Gomes Morais • Isabel Pais e António Cabral Costa • Isaías Pinto • Joana Santareno • José Luís Abrantes • Júlia Alves • Júlio da Fonseca Fernandes • Lurdes Poças • Magdalena Rondeboom e Pieter Rondeboom • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João Obrist • Nanja Kroon • Paula Nelas • Paula Costa • Patrícia Mateiro Santos • Pedro Tovar Faro • Ricardo Brazete e Conceição Silva • Rita Brazete • Vox Visio Coral • **JÚNIOR** Carlota Oliveira Marques • Gaspar Gomes • Manuel Meireles • E outros que optaram pelo anonimato.

MECENAS



APOIO À DIVULGAÇÃO



Henrique Amoedo *Direção Artística* • Sandra Correia *Direção Administrativa e Financeira* • Maria João Rochete *Adjunta de Direção* • Carlos Fernandes *Coordenação de Produção* • Gi da Conceição *Produção* • Paulo Matos *Coordenação Técnica* • Nelson Almeida e Filipe Jesus *Técnicos de Palco* • Ana Filipa Rodrigues *Comunicação e Imprensa* • Mafalda Guedes Vaz *Comunicação* • Teresa Vale *Design Gráfico* • Tomás Pereira *Técnico de Vídeo* • Gisélia Antunes *Coordenadora de Frente de Casa e Bilheteira* • Susana Cardoso *Assistente de Bilheteira/Mediação de Público* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Electricidade* • Contraponto *Contabilidade* • Splendid Evolution *Informática* • Carlos Fernandes e Raquel Balsa *Fotografia de Espetáculo* • Gi da Conceição *Visitas Guiadas* • Segurança e Vigilância 3XL (Nadine Carlos Martins e José Alberto Dias) • Maria Alice Marques e Teresa Maria Amaral *Limpeza* • **Acolhimento do Público** Carolina Barros, Carolina Pinhão, Diana Silva, Inês Simões, José Vaz, Juan Piñero, Leonor Esteves, Marco Garcia, Mariana Silva, Pedro Aires, Pedro Rodrigues e Rita Afonso

estrutura financiada por:



entidade
credenciada
e financiada pela:



Próxima atividade



TEATRO JOVEM 12 e 13 ABR
MIGRAAANTES

texto MATÉI VISNIEC
encenação JOÃO DE BRITO

sex 10h30 e 15h00

Ensino Secundário e Superior

sáb 16h00 | público-alvo a definir

SUBSCREVA
A NOSSA NEWSLETTER.
ESTEJA SEMPRE
A PAR DAS NOVIDADES.

[FORMULÁRIO](#)